



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A Água corrente

Por MARIA RAQUEL CORDEIRO COSTA

Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

ERA um inquieto ribeirinho minhoto. Em pequenino cabriolára, selvagem, aos pés dos penhascos carancudos da antiga montanha onde nascera. Com a Senhora sua Mãe — a Torrente — que lhe mudava todas as manhãs o bibe de prata que ele, estovado e alegre, enlameava nas terras escuras por onde corria, aprendera a rezar ao Sol, Senhor de todas as coisas, alegria das Serras e das Águas. E como já sabia doutrina e as suas águas impetuosas investiam com as grossas pedras que rolavam das veredas, resolveu correr mundo. Radiante, tonto de luz e de liberdade, encheira a serra com o seu cantar vibrante, enquanto descia com fragor as penedias. Pedras velhinhas, meio-enterradas no chão adusto, raízes grossas e torcidas, ervas bravas da serrania, vinham saber aos caminhos para onde ia aquela mocidade turbulenta; e o velho Eco das Montanhas viera perguntar, estremunhado, quem batera à sua porta e interrompera o seu sono antigo. Açodado, todo encantado com a viagem e seguro nas suas águas fortes, Ribeirinho não respondia. Corria, corria sempre, como um doido. E assim, correndo e cantando, chegou a um vale ameno. Pasmado na sua simplicidade serrana, enlevado nas coisas que nunca vira, nas árvores, nos gados, nas ervas tenras, nas flores garbadas que não havia no monte, por ali ficara, palreiro, a correr do milheiral para a azenha, do linhar para a horta, sempre diligente, sempre serviçal. Entre tanta beleza mansa, amansára o Ribeirinho selvagem. Vinham os grandes bois cansados beber das suas águas frescas; moçoilas desembaraçadas e sádias batiam roupas pobrinhas nas pedras gastas do seu lavadouro; os passaros molhavam na corrente o biquito sequioso

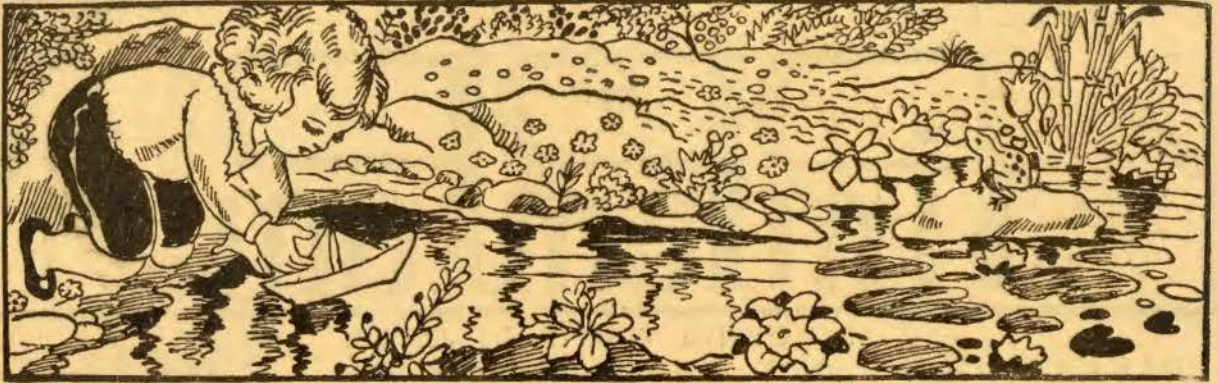
e grandes rãs, verdes e feias, cantavam-lhe, a toda hora, histórias engraçadas, com a sua voz roufenha. Com todos tagarelava e todos o bendiziam. De manhã, quando os melros madrugadores cantarolavam nas ramadas, Ribeirinho, de camisa de prata lavada, corria pelas leiras a acordar, com a sua voz de cristal, as raízes adormecidas debaixo do lençol moreno da terra, a despertar as gentes e os gados para a faina dos campos.

— «Bom dia! Bom dia! Acordai, preguiçosos, que já anda fóra o Senhor Sol!»

Atarefado, sempre a rir, punha o campo todo de pé. E quando o moinho já não precisava da sua força, quando as raízes satisfeitas já não pediam mais água e as raparigas estendiam ao sol do córadoiro as roupas já lavadas, quando o caldo fervia nas negras panelas de três pés e as aves já não tinham sede, o Ribeirinho, contente, abrandava a corrida das suas águas, e, feliz das bênçãos do campo agradecido, sacudia ao sol a camisa de prata, suada das canseiras do seu trabalho honrado.

Então, todo alegre e cansado, re-





touçava na erva fresca até à hora das regas. Assim vivia o Ribeirinho que viera da montanha.

Ora um dia um garoto da escola veio brincar nas suas águas. Tirou do saco remendado um livro velhinho e... zás! — fôlha fóra, para fazer um barquinho. O Ribeiro, que se lembrava dos seus tempos de menino, lá na Serra, brincou também para divertir a criança. Indulgente, com a risonha mansidão dos fortes, levava o barco nas suas costas luzidas, tombava-o de mansinho, encalhava-o nas pedras lavadas do seu leito; e quando o rapazito, enfasiado da brincadeira, se afastou, ficou o barco entalado entre dois seixos. Pouco a pouco, o correr bulçoso da água desfez as pregas do papel, e, uma tarde, por desfastio, Ribeirinho pôs-se a soletrar a fôlha desdobrada. Dizia coisas estranhas o papel... Falava de Caravelas, de terras desconhecidas, dos marinheiros das conquistas que, com seu olhar de sonho, domavam as ondas enfurecidas, falava do Mar, do Mar profundo e distante, das águas fortes que rebentavam com fragor contra as praias, engulindo homens e navios... Na alma quieta do Ribeirinho, aquela alma que era amiga das árvores e dos bois e era a alegria dos campos, despertou a febre antiga de aventureiro. Sentia-se fadado para destinos maiores. Um dia, juntou as águas divididas pelos sulcos das regas e, sem se despedir dos amigos, pôs-se a galgar campos e caminhos na ânsia insofrida de chegar ao Mar. Nunca mais matou a sede das raízes e dos gados, nunca mais ouviu as rãs. Não parava.

Os milhos que amaduravam no campo as massarocas douradas, diziam de lá, a arder na febre do meio-dia:

— «Senhor Ribeirinho, olhai que temos sede. Parai um momento, e dai-nos da vossa água!...» E diziam as aves das ramadas: — «Ai que sol! e que sede! Quem refrescará os nossos biquitos cansados de cantar?» Os bois seguiam, com o olhar húmido e manso, o Ribeirinho que fugia e pensavam, resignados, no que seria a sua vida cansada sem a sua frescura bemdita.

— «Água! Água!» pediam as ervas dos pastos e as flôres dos quintais. Ribeirinho mal ouvia; com a voz engros-

sada pela ambição ardente de chegar às águas fortes de que falara o livro, gritava aos milhos sêcos, às aves e aos bois sequiosos: — «Vou para o Mar... para o Mar!»

Mas não foi. Uma tarde as suas águas apressadas perderam-se numa terra negra, pegajosa; os seus braços transparentes, ficaram prisioneiros e, pouco a pouco, afundaram-se na lama espessa dum pântano. Quiz correr, o Ribeirinho, mas aquela terra maldita bebeu-o devagar, sugou-lhe as suas águas tão lindas, tão livres que nem a Montanha as retivera. E com um pavôr sem nome, o Ribeirinho sentiu que perdera a fala: as águas paradas não têm voz. Imaginem a dôr do Ribeirinho.

Para cúmulo, umas ervas pequeninas cobriram-no com uma mortalha esverdeada, e, na sua cegueira, o pobre nem podia olhar o Sol lá no alto, aquele Sol, Senhor alegre de todas as coisas. Sofria, sobretudo, por se sentir inútil. Quem o queria agora? Já não regava os milhos loiros e barbudos, já não desandava a roda do moinho, não dava de beber aos homens, nem aos gados, nem aos pássaros. Chorava dia e noite a sua sorte. As larvas feias, os insectos ruínas que causavam febres e destroem os campos, aninhavam-se nas suas águas negras, sugavam o seu sangue generoso que fertilizara as terras amenas, de onde fugira. Compreendia, agora, que não havia destino maior do que aquele que fóra o seu. Que seria dos homens das caravelas se não houvera o pão loiro que êle fazia florir na terra, outróra? E essa madeira dura que boiava no Mar, mais forte do que as ondas? Quem a dera? E as velas brancas e inchadas ao vento furioso das tempestades? Vinham das árvores, das plantas. Tudo êle dera, e mais os seus irmãos ribeirinhos que, mais felizes e sensatos, continuavam a regar todo o vale enquanto êle, cego e paráltico, gemia, inutilmente, a sua pena.

Todas as sortes são boas, todas as vidas são úteis. Os ribeirinhos, como os homens, é que nem sempre as conhecem.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

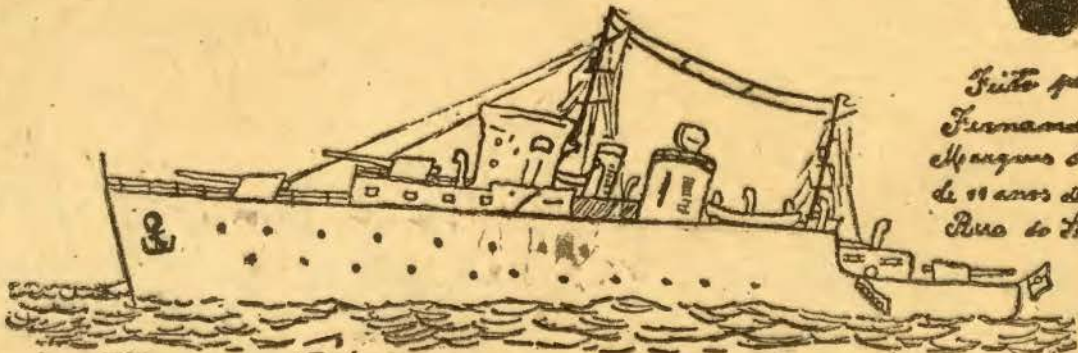
COLABORAÇÃO INFANTIL

«Gonçalho Velho»

pelo menino FERNANDO CHABERT — de 12 anos de idade



Feito por
Fernando
Chabert Costa
de 12 anos de
Rua do Suelo 1176



A LAGARTA INVEJOSA

Por ALLEN GUALTER CORREIA DE FIGUEIREDO — (Série A)

NUMA reunião de vários animais, que se havia realizado na clareira dum bosque, foi apresentado o casulo de um bicho de seda e todos lhe renderam os maiores elogios.

— Que bonito! — dizia um.

— Como está bem feito! — acrescentava outro.

Até a própria toupeira concordou que o casulo era uma linda obra.

A lagarta, porém, pedindo a palavra, falou, ou, antes, afirmou:

— «Ora, adeus! Isso não presta para nada! É uma frioleira. Os que lhe rendem louvores são tólos».

Estas palavras, entretanto, causaram grande barulho. Todos quiseram saber porque seria que um bicharoco tão desprezível, ousava ser o único a dizer mal daquilo que os outros todos louvavam.

Foi, então, que a raposa explicou: — «A razão é esta: — a lagarta também

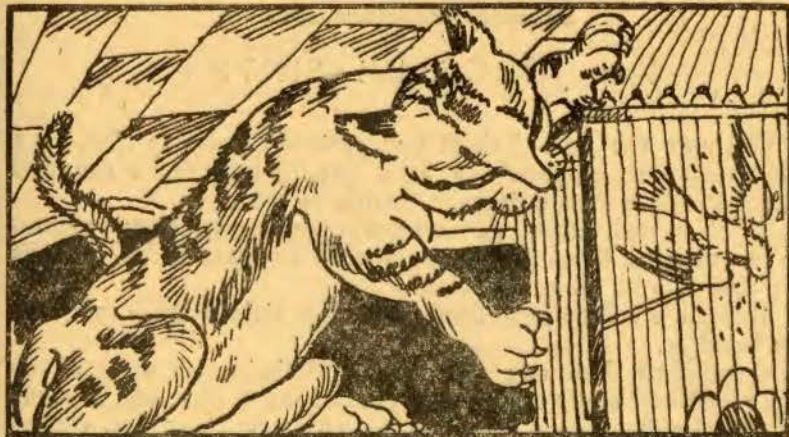


faz casulos ainda que muito inferiores. E o ódio do oficial do mesmo ofício! A raposa falara acertadamente.

HISTORIA DO CANARIO E O «FARRUSCO»

Por MARIA ALINA BUGALHO SEMEDO

(SÉRIE A)



Quando o acariciavam, ele batia as asitas, cheio de alegria. Mas, certa vez, o «Farrusco», o gato da vizinha, tentou comê-lo; assim que a dona ouviu o triste chilrear do pobre passarito, acudiu, sem perda de tempo e, vendo o «Farrusco» em cima da gaiola, bateu-lhe com um pau, fazendo-o fugir.

Então, o passarito, cheio de alegria, beijou a sua dona.

ERA uma vez um lindo canário amarelo que cantava muito bem. Logo, de manhã, acordava os donos com os seus lindos trinados.

F I M

O FALCÃO E O PARDAL

Por RUI ENES — (Serie A)

CERTO falcão, que ainda não havia almoçado, encontrou um ninho de pardais e tentou comê-los. O pardal, pai da ninhada, ficou muito aflito e pediu ao falcão que o poupasse, oferecendo-se para ficar seu escravo, se ele anuísse ao pedido. O falcão aceitou a proposta mas foi dizendo: — «Se errares no teu serviço, matarei os teus filhos, como castigo.»

Passados alguns dias, o falcão já estava arrependido do que havia combinado e dispôs-se a ir comer os pardalitos. Nessa ocasião, porém, aconteceu o que ele não esperava: apanhar uma «chumbada» da espingarda que um caçador disparou. Então, daí em diante, o pardal e os seus filhinhos viveram muito felizes!



PALHAÇO

Por Mário Augusto Fleming de Oliveira
(SÉRIE A)

EU conheci um menino que era muito «garotoço», e a quem lhe deu na veneta vir, ainda, a ser palhaço.

Uma vez, tendo ido ao circo, quiz ir para o pé da pista para poder ver, de perto, trabalhar o ilusionista.

Viu-o pegar numa cêsta, meter dentro um homemzinho, e depois, com uma espada, atravessar o cestinho.

Ao terminar o espectáculo, fugiu da mãe, com prudência, para em casa, a sós, poder fazer a mesma experiência.

Chagado lá, triste idéa, foi direitinho à cozinha, buscar o cêsto das compras e a sua linda gatinha.

Lá foi metida com custo; dir-se-ia que adivinhava a pobrezinha da gata o destino que a esperava.

Depois, com um facalhão que havia lá na cozinha, começou a dar facadas onde se achava a gatinha.

Sem atender aos gemidos, de contente, até sorria; e, mal êles terminaram, para consigo dizia:



Por certo já cá não estás, já te posso abrir a porta! Mas, desgraça das desgraças, a gatinha estava morta!

Então, ao ver sua asneira, e o mal que êle havia feito, viu que para ilusionista tinha muito pouco jeito!



Uma Rainha, um Príncipe e um Cão

Por JORGE DE SINTRA

ERA uma vez uma Rainha que, gostando muito de cães, fez a seguinte proposta: — o filho que lhe trouxesse o cão mais bonito e mais engraçado, subiria ao trôno.

ACEITANDO-a, de bom grado, logo os príncipes se puzeram a caminho. Eram três. O mais velho chamava-se João, o mais novo José e, o do meio, Francisco.

O João e o Francisco, como já haviam viajado muito, partiram para Londres.

O príncipe José que tinha pouco dinheiro, viu um cão todo branco que era muito bonito mas, por ser muito caro, não o pôde comprar. Um dia, porém, êste príncipe, ao passar numa rua, viu um homem a maltratar um cãozinho todo branco que, pouco depois, abandonou na estrada. O príncipe, então, aproximando-se do pobre cachorrinho, cheio de pena, levou-o consigo, para o tratar. Já no seu hotel, cuidandp dêle, o príncipe José teve uma idéa: — «Visto não ter dinheiro — (dizia de si para si) — para comprar um cão de luxo, se êste ficar bom, (duma doença de pêle que tinha o cachorrinho) — apresento-o a minha Mãe.

Assim foi. Daí a dias, muito lavado e desinfectado, o cão já estava bom e o príncipe, achando-o lindo, partiu descansado para o palácio onde o colocou sôbre uma almofada de veludo vermelho, a-fim de o oferecer à Rainha.

Logo que chegou ao palácio, o príncipe soube que os irmãos já lá se encontravam e que haviam levado cães muito feios mas de raça muito rara e preciosa.

À vista dos três cães, a Rainha, sem hesitação, preferiu o de José. Toda a côrte, no palácio, e o pôvo, que se apinhava nas ruas, ficaram muito contentes, pois o príncipe José era o mais querido e, então, todos gritavam, num delírio:

— «Viva o príncipe José, — nosso futuro Rei!»

==== F I M ====



O menino infeliz

Por LUIZ FIGUEIREDO CORREIA PINTO

O André era um menino muito preguiçoso e dotado de maus sentimentos. Aos nove anos ainda não sabia ler. No caminho da escola insultava e maltratava, constantemente, os seus companheiros, a ponto de, algumas vezes, chegarem feridos à escola, pelo que o professor o castigava severamente. Andava com o fato sujo e as mãos e a cara pouco limpas. Era sempre o último a entrar na escola. Todos os seus condiscípulos fugiam dele, pois não podiam suportar-lhe as suas judiarias. Fazia as maldades e ia acusar os outros ao Sr. Professor, que sempre suspeitava serem falsas as suas acusações. Em vez de acertar as contas na pedra, fazia garatufas para provocar o riso dos companheiros, ou, então, adormecia na carteira, pelo que lhe deitavam um copo de água na cabeça, acordando-o sobressaltado, o que era sempre motivo de grande risada em toda a classe. Furtava um lápis a um, a outro uma pena e até mesmo o lanche a alguns, o pião ou o canivete. Enfim, nada estava seguro ao pé dele.

A hora do recreio, os seus jogos eram sempre as cartas ou a pancada, pelo que era castigado, constantemente, pelo professor. Era o mais mal comportado da sua classe. Um dia encontrou, no caminho da escola, um pobre pedinte, já velho, montado num burro; lembrou-se, logo, de lhe pregar uma partida. Principiou a fazer troça dele e, picando o rabo do burro, fez com que este se espantasse e desatasse aos coices. O pobre velho pedia-lhe, pelo amor de Deus, que não picasse o burro, porque ele o deitaria ao chão, e daria cabo de si, pois era muito alei-

jado! Continuou na sua maldade, até que o burro, desesperado, atirou tal parêntese de coices que lhe partiu o braço direito, levando-o a estar um mês de cama e dois com o braço ao peito.

Outra ocasião, resolveu vingar-se dos merecidos castigos que o professor lhe dava. Lembrou-se de agarrar uma véspera no caminho da escola e embrulhou-a num papel. Quando o professor andava a ler o ditado, ele, pé ante pé, por detrás do pobre mestre, principia a dar-lhe murros nas costas. Entre os protestos dos alunos pelo feio procedimento do André, o professor, espantado, voltou-se e agarrou-o, com desespero, dizendo-lhe:

—«Tu enlouqueceste, André?!...»

—«Não, senhor professor! E' que o Senhor levava esta véspera nas costas; decerto o morderia e eu, para lhe evitar esse dissabôr, matei-a a murros».

Apanhando-a do chão, apresentou-lha. O professor acreditando-o, fez, então, o elogio da sua boa acção e votos para que ele se regenerasse.

Mas não. Continuou sempre a praticar o mal. Saiu da escola, onde deixou um triste nome e nunca aprendeu a ler. Foi para Lisboa; tudo quanto ganhava ele gastava no jôgo e na taberna. Casou e teve 2 filhos, que, com a mãe, andavam pedindo esmola para não morrerem de fome. Quando chegou a velho, andava todo rôto e com o cabelo e a barba por cortâr, que era mesmo um horror! Não podendo já trabalhar, vendia cautelas

Vêde, meus meninos, o triste fim a que chegou o desgraçado André que, por ser sempre mau e preguiçoso, teve o justo castigo da Providência.

Historia da Princezinha

Por MARIA FERNANDA NOVAIS TORIZ

(Série A)

HAVIA uma Princezinha muito risonha e bondosa; e que era tão bonitinha qual botãozinho de rosa.

Mas, um dia, um feiticeiro foi mau para a princezinha; transformou-se num tinteiro em cima duma mesinha.

Ela, quando viu a tinta, disposta para escrever, sente agarrarem-lhe a cinta e estar-lhe alguém a bater.

Começou logo a gritar, desesperada e, então, pôs-se para o chão a olhar mas vê, apenas, um cão.

Ia a fazer-lhe uma festa, quando sentiu uma dor, mesmo ao meinho da testa e, à volta um imenso ardor.

A-pesar-de animadinha, como não pudesse mais, pôs-se a gritar, coitadinha, que lhe acudissem os pais.

Como pelo Rei chamou este veio depressinha; mas a Princesa encontrou tornada numa ratinha.



Então, o Rei, vendo tal, muito aflito se mostrou; ficou branco como a cal e o feiticeiro matou.

Assim que este deu um estoiro, surgiu logo a Princezinha no meio de muito oiro; e lá se foi a ratinha!

F I M

F I M

Qual a cousa, qual é ela?...

I

Peneiras ou regadores,
sem mim não ficam completos;
sou verbo de massadores
sou do reino dos insectos.

II

Sou instrumento de escrita,
sou palácio conhecido,
sou amigo da Desdita,
e, também, sou apelido.

III

Sou branca, azul, preta, verde...
de lã, sêda ou algodão...
Quem me tem e não me perde,
mete sempre um figurão.

IV

Com meu nome há certos bôlos;
e facilmente me notam
nos meninos que são tolos,
com macaquinhos no sótão.

Solução das anteriores

- 1 — Abelha
- 2 — Burra
- 3 — Telha
- 4 — Brinco

Correspondência

Mimi Grandela — A «foto» recebida não dá reprodução capaz por ser demasiado sombria. Publicaremos outra se no-la enviar.

Manuela Vaz — A tua prova de concurso chegou tarde de mais mas, se fôr publicável sairá a seu tempo.

Saudades de TIO PAULO



A nossa Mãe

Por ESTRELA MATUTINA DO SUL

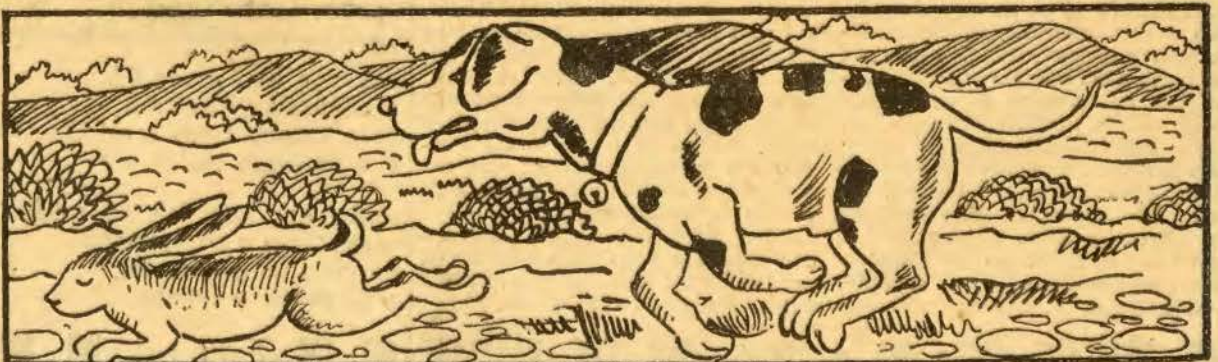
TANTO lhes devemos e, no entanto, tantas vezes as apoquentamos porque não lhes satisfazemos a vontade, comendo sem que seja preciso Ela instar connôco; estudando muito, para sabermos bem as nossas lições e, ainda, muitas vezes, (feia acção!) porque lhes respondemos menos delicadamente!

Como nos acharemos ingratas lembrando o que Ela tem feito por nós! Já antes de nós nascermos, Ela nos prepara as roupinhas, tudo que nos é preciso para quando chegarmos ao Mundo e, até, o cestinho mais bonito que as suas posses lhe permitiram comprar!

Depois é Ela quem nos dá o alimento, quem nos proporciona todo o melhor conforto possível, quem nos trata com o maior interesse e carinho e quem mais sofre quando nos vê doente! E nós, por muito bons filhos que sejamos, nunca lhe poderemos agradecer tudo que Ela por nós sente e tudo que nos fez! Só um dia, já mais tarde, se chegarmos a ser mãe, é que, então, poderemos avaliar o que a nossa Mãe era para nós. Infelizes daqueles que nunca a conheceram e que, portanto, nunca tiveram a maior dedicação, o maior e mais puro amor: — O Amor Maternal!

Estimemos sempre a nossa Mãezinha e façamos todo o possível para nunca a aborrecermos, pois tudo que lhe possamos fazer de bem, nunca terá comparação com o que Ela nos fez!

A DIVINHA



Um certo menino gostava muito de ir, com o seu cão, à caça dos coelhos. Estão vendo o coelho e o cão, vejam se descobrem o menino

3.º Concurso Mensal de Poesias e Contos Infantis

Tendo aumentado, consideravelmente, de mês para mês, o número de concorrentes aos nossos sucessivos concursos, foi bastante difícil a tarefa que nos impuzemos de seleccionar, classificar e premiar os originaes recebidos, dentro das mais rigorosas normas de imparcialidade e justiça. Levada, porém, a cabo, com toda a nossa boa vontade e paciência, chegámos, enfim, ao seguinte apuramento final:

P R E M I A D O S

SERIE A

1.º CONCURSO: — Poesia
Lição proveitosa
 por Virgínio Moreira — Gino —

2.º CONCURSO: — Conto
Uma má acção
 por Alzira Alves Abrantes

SERIE B

Bébé e o avôzinho
 por Feliz Costa Ventura

A desobediência do pintalinho Careca
 por C. de Bidassoá

SERIE C

O gato e o pardal
 por Francisco da Fonseca Almeida (Zé d'Aldeia)

A fada e o dragão
 por José Fontana da Silveira (J. F. S.)

São dignas de uma especial menção as produções dos seguintes concorrentes:

SERIE A

«O Meiro, o Camponês e o Cão» por Francisco Augusto da Fonseca Dias
 «O pinheiro ambicioso» por Jorge Pereira Jardim.
 «O gatinho maroto» por Maria Helena Fernandes Mauhin
 «As ferraduras mágicas» por Rui Barros
 «O conto da Avôzinha» por Cotóvia
 «A Modéstia e o Orgulho» por Fernando Rodrigues Barragão

SERIE B

«Triste fim duma campanha» por Mariazinha
 «A minha Avôzinha» por Angelo Cardoso Pereira de Almeida
 «O Pico-Pico» do mesmo autor

«Historia do Rato Galato» por João Eduardo Viana Ramon Navarro

«Acção linda» por Odette Passos Saint Maurice

SERIE C

«Carta ao Menino Jesus» por Virginia Montalvão e Alpoim
 «Carta para o Céu» por Argentinita
 «Lenda» por Clotilde Souza Santos
 «A cascata do Zé Gaspar» por Carlos
 «Dois bonéquinhos de barro»
 «A Escola»
 «O castigo dum mau»
 «A lenda de Tabu» por Julião Selvagem
 «Conto de Primavera» por Carlos Nadir
 «Rosinha e o pobre João» por Berta Sobral
 «O Sonho da Ruth» por Maria Alda Neves da Graça Mira

} por A. Vicente Campinas

São, também, dignas de uma referência as produções dos seguintes concorrentes:

SERIE A

«A lição do Bébé» por Cotóvia
 «A boneca da Mimi» por Dinah Fontes Machado
 «Zé Pacóvio caçador» por Adriano Dias dos Reis
 «Milagre» por Celeste Ribeiro Varela
 «As amêndoas» por Julieta da Conceição
 «Os Sapos» de Alzira Alves Abrantes
 «As pérolas» de Bemvinda do Carmo Inácia dos Santos
 «Velho prolóquio» por Beatriz Pinheiro Antunes

SERIE B

«Portugal» por Oliveira da Costa
 «Mais depressa se apanha um mentiroso que um côxo»
 por Manoel Joaquim Valventos
 «Carta ao Zeca» por Feliz Costa Ventura
 «O meu sobrinho» por João do Sul

«Isabel» por Julio Alberto Guerreiro

«Um rapaz invizível» por Antonio Vicente da Rocha.

«O Principe encantado» por Feliz Costa Ventura

«A brincar não se ganha a vida» por Manoel Joaquim Valventos

«Generoso exemplo» por A. Nogueira de Sá

«Os dois Anjos» por Armando Vilela Morais

SERIE C

«Orgulho da Raça» por Argentinita

A decepção de Mimi» por Maria Jesus dos Santos

«S. João» e «Sonetinho» de Manuela de Azevedo (Margarida do Monte)

«Um carnaval divertido» por Alsácia Fontes Machado

«Bemvindo» por Berta

«Um livro maravilhoso» por Maria Afonso Oeiras

EXEMPLIFICAÇÃO



I — O menino «Zé» Duarte foi chamado a responder o que era uma quinta parte duma unidade qualquer.



II — Vendo-o calado, a cismar, diz o Mestre ao «Zé» Duarte: — Vamos lá... Um quinto andar é dum prédio a quinta parte.»



III — Mas vendo a figura de urso do aluno, torna, trocista: — «Quantos anos tem um curso que termina em quintanista?»



IV — E, sempre na esperança vã, duma resposta acertada, pegando numa maçã, torna com voz resignada:



V — «Tu e mais quatro rapazes encontram uma maçã... Querem-na todos. Que fazes? Anda, responde, dize... Anh?!...»



VI — Volve êle, então: — «Ora, ora, que havia eu de fazes!... Mandava todos embora e punha-me eu a comer!»